



Aurinda Alves

## Rui Chafes na Avenida

● Na semana passada escrevi, fotografei, filmei e entrevistei várias pessoas para o meu blog a propósito da escultura que a fundação PLMJ encomendou a Rui Chafes e doou à cidade num gesto admirável que celebra os 40 anos da conhecida sociedade de advogados. Apesar de já ter escrito e falado, gostava de voltar ao assunto aqui.

A escultura de ferro representa uma coluna de fumo que emerge do solo e apesar de ser uma peça de grande escala, foi discretamente colocada no meio das árvores, entre dois passeios de calçada portuguesa, mesmo em frente à PLMJ, no 224 da Avenida da Liberdade. Adoro arte contemporânea, sou fã da obra de Rui Chafes (da sua escultura mas também da sua arquitectura literária e da maneira muito gráfica como 'arquiva' ou revela os seus pensamentos e deriva sobre a arte e a vida) e gosto particularmente de ver arte nas ruas. Os espanhóis fazem isto até nas pequenas cidades e vilas, mas nós habituámo-nos a conservar tudo dentro de museus e fundações. É uma pena. De fora e à vista de todos ficam só as estátuas mais ou menos épicas, os mamarrachos plantados no epicentro das rotundas e, pontualmente, uma ou outra peça associada a uma exposição temporária. Mais nada.

Fascina-me a criação artística e atraem-me os espaços onde os artistas trabalham. Sejam ateliers sumptuosos ou barracões abandonados, todos têm uma poesia que me encanta.



BRUNO VIVES/REUTERS

Tive a sorte de nos meus tempos de universidade ter um grupo de amigos de Belas-Artes e estar próxima da geração dos Novos-Novos. Foi, aliás, em Belas-Artes que conheci a Pipa e o Rui Chafes (quando estavam a terminar o curso) e foi a partir dali e de uma célebre exposição que fizeram no poço da escola que comecei a olhar para a sua escultura. Com maior ou menor proximidade fui acompanhando o seu percurso e lendo os seus livros. Cheguei a Novalis através da sua tradução de Fragmentos (editada pela Assírio & Alvim) e contemplei num silêncio demorado muitas das suas peças ao longo destes anos.

Por tudo isto e também pelo que

fui lendo (muito do que Rui Chafes escreve é queimado e as cinzas guardadas em caixas rectangulares de aço, seladas como se fossem pequenos túmulos com as quais ele vai construindo uma escultura em permanente evolução a que chamou *O Silêncio de...*) dizia eu que por tudo o que fui lendo e vendo, comove-me particularmente ter agora esta escultura na avenida, acessível a todos, a todas as horas do dia ou da noite.

Rui Chafes chamou a esta peça *Sou como tu* e justifica o título: "a esta obra, bem como a outras da mesma série, subjaz a ideia de voz, que é também a ideia de Deus. A palavra é o início de tudo (...) acredito que os antigos conheciam os verdadeiros nomes das coisas, uma capacidade que nos foi sendo tirada... *Sou como tu* prende-se com a anulação do ego". Com o anonimato, no fundo. Chafes acredita que mais importante que o autor é a obra e a energia que anonimamente emana da escultura para as pessoas, também anónimas, que passam. Seja. Para mim aquela obra é indissociável do autor mas compreendo o que ele quer dizer.

Fica a intenção e também a certeza de que "o mais importante na arte é a emoção. Só a emoção pode tocar as pessoas" como escreveu o próprio Rui Chafes nesse livro absolutamente incontornável, cheio de textos profundos sobre o sentido da arte e da vida. Falo de *O Silêncio de...*, também editado pela Assírio & Alvim, onde Rui Chafes assume que a Beleza salva. E salva mesmo.